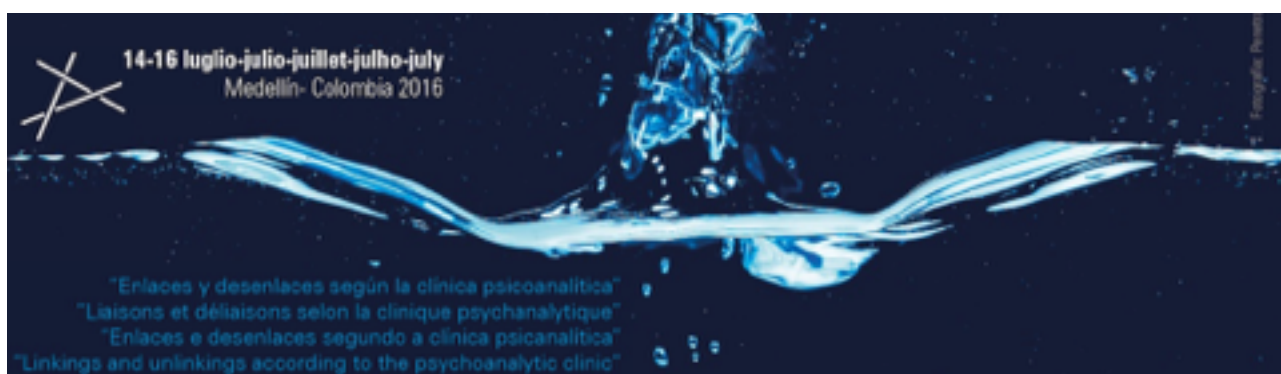


Medellín 2016 - RVI - Prelúdio - Vera Iaconelli



Nomeação e efeitos no laço

Diz-se que *fantasmas arrastam correntes*, talvez faça mais sentido para um psicanalista pensar que *correntes arrastam fantasmas*.

Quanto a receber a nomeação de AE, no momento mesmo em que me foi informado, vi-me diante da deliciosa sensação de ter feito parte de uma sequência de eventos e laços que culminaram com uma transmissão, porém ao mesmo tempo, dividida pelo ruído que a palavra nomeação pôde criar, pois o termo nomeação souo como a antítese de tudo que o passe propõe. Alguém vai me nomear *agora*? Que sentido teria ser nomeada por alguém? Ato contínuo, procuro na teoria um diálogo com uma questão que supus não ser só minha, e que encontro formulada no texto de Silvana Pessoa, renovando minha aposta neste processo.

Existem, na nossa comunidade de Escola, as siglas AP (Analista Praticante), AE (Analista de Escola) e AME (Analista Membro de Escola), expressões que designam alguém que pratica a psicanálise, no primeiro caso; alguém que decidiu pedir o passe e foi nomeado, no segundo; e alguém que foi reconhecido pela comunidade pelo seu percurso como psicanalista e pelo seu trabalho pela Escola, no terceiro. Podemos dizer que essas três expressões são *funções-nomes*.

(...)As *funções* ou *funções-nome* não asseveram nada, pois constituem enunciados acerca dos números, uma relação entre valores, diferentemente de uma fórmula, que pode ser verdadeira ou falsa. (PESSOA, 2015, p. 197)

A questão da nomeação, quando não referida à função-nome, pode ser confundida com a titulação própria da academia, hierarquizante, colocando-se ao lado do discurso universitário. A nomeação, enquanto função, se coloca como convocação de fazer valer o desejo de transmitir que moveu o passe, desejo singular. Lacan reitera a dimensão ética envolvida: “Este lugar implica que se queira ocupá-lo: só se pode estar nele por tê-lo demandado de fato, senão formalmente” (LACAN, 2003[1967], p. 249).

A função do AE, assumida a partir da transmissão do fim de uma análise, convoca o analista a seguir transmitindo em outro momento, uma vez que implica a partir daí numa fala pública, fora do delicado espaço do dispositivo do passe. Implica em sair do sigilo inicial que envolve este ato de demandar o passe, de fato cerimonioso, e ser alçado ao espaço público dentro da Escola, reiterando este desejo. Daí decorrem expectativas e deposições imaginárias que precisam ser colocadas, posto que fazem parte disso que se tenta transmitir. Fazem parte dos efeitos imaginários de ser nomeado AE os fantasmas evocados neste feito perante a Escola.

O ato psicanalítico, enquanto passagem de analisante a analista, levou-o (Lacan) a formalizar um laço social afeito à Psicanálise e isso dirigiu a maneira pela qual quis que sua Escola se orientasse. Indagar-se sobre o que é uma escola de psicanalistas é também se perguntar o que é o laço social do discurso do analista, é colocar à prova o acontecimento de tal liame. É a partir dessa aposta que Lacan pretendeu fazer girar a Escola em torno do Passe e do Cartel na *Proposição de 9 de outubro de 1967*. (TORRES, 2014, p.)

Não se trata de recuar diante destes efeitos, mas de fazê-los falar, bordejá-los, assumi-los e deixá-los cair. Os efeitos imaginários que esta nomeação tem no laço da Escola se referem ao fim de uma análise. O analisante supõe e demanda no laço analítico a comutação de sua falta, demanda esta que a resposta de analista, suportada pelo desejo do analista em ato, busca subverter na relação transferencial. O desenlace permite superar o horror da queda do *sujeito suposto saber* inaugurando no analisante a possibilidade de prescindir da nomeação que partiria do outro. Feito que nos leva a

poder estabelecer laços solidários a partir do reconhecimento de nossa irreparável solidão, assumindo o limite intransponível da não relação.

Lembremos que o analisante volta reiteradamente ao divã deste que se absteve de responder sua demanda de amor e de saber último sobre si. Volta na esperança de que o analista lhe dê *mas, acima de tudo, volta na esperança de que o analista não o faça*, para o libertar da sina de ter de demandá-lo interminavelmente. Pego emprestado da poesia de Caetano Veloso:

*Eu queria querer-te amar o amor
Construir-nos dulcíssima prisão
Encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és*

(O Quereres, Caetano Veloso)

LACAN, J. [1967] “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 249, 2003.

PESSOA, S. Efeitos da nomeação na Escola de Lacan. *Stylus*, Rio de Janeiro, n. 31, p.197-205, 2015.

TORRES, R. O Campo Lacaniano e o desejo. *Stylus*, Rio de Janeiro, n.28, p. 25-31, 2014

Vera Iaconelli 20 de abril de 2016